



# Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

# Literatura



Artur Azevedo

*Uma viagem a lua*



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# *Uma viagem à lua*

## Artur Azevedo

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1877.

Livro Digital nº 518 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

**Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo**

**(1855 - 1908)**



**Iba Mendes Editor Digital**

**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

# NOVA VIAGEM À LUA

## OPERETA EM TRÊS ATOS



*Representada pela primeira vez no Rio de Janeiro, no Teatro Fênix Dramática.*

### **PERSONAGENS:**

MACHADINHO

LUÍS

AUGUSTO (guarda livros)

SILVA

FONSECA

ARRUDA

BARÃO DE VAL-DE-VEZ

DOUTOR CÁBULA (alcumha)

SANTOS (empregado público)

JOANINHA

ROSINHA

SARA

CHIQUINHA

UM FEITOR

UM NEGRO

DOIS CRIADOS

*Criados, escravos, estudantes, máscaras, cocotes, etc.*

*A ação do primeiro ato passa-se em Ubá, província de Minas Gerais, e a dos dois últimos na corte. Atualidade.*

### **ATO I**

*O teatro representa o pátio de uma fazenda. À direita, a casa com alpendre e tranqueira. Cerca ao fundo. A estrada em perspectiva.*

### **CENA I**

*Machadinho, Luís Augusto e Silva.*

(Ao levantar o pano, a cena está vazia; ouve-se fora o jongo, entoado pelos negros no eito)

JONGO

*Trabaia, negro, trabaia  
Na roça de teu sinhô!  
O dia já vai bem arto...  
Trabaia té o só se pô...*

(Machadinho, Luís, Augusto e Silva entram em trajés de montar)

MACHADINHO

Sim, senhor! Aqui é que se vive! Isto é que são passeios! Que bonitas fazendas! Que paisagens! Não volto! Decididamente, não volto!

AUGUSTO

Que entusiasmo!

MACHADINHO

Estou enlevado, encantado, arrebatado. (*Caindo em uma cadeira de ferro*) e... cansado! Uf! Aquele maldito sendeiro!

SILVA (*a Luís*)

Duvido que aquelas moças que convidaste venham...

MACHADINHO (*erguendo-se*)

Não estejas a imaginar desgraças! Por que não hão de vir?

SILVA

Com este sol! Virão?

LUÍS

Se lhes mandássemos a traquitana de papai?

MACHADINHO

Que traquitana! Não estamos nós aqui? Nós, a elite, o *high-life grand-monde*? Deixa estar que elas hão de vir.

AUGUSTO

O defunto não enjeita a cova.

MACHADINHO

São favas contadas. Passaremos hoje uma noite esplêndida!

LUÍS

Vou prevenir mamãe que temos visitas.

AUGUSTO (*batendo-lhe no ombro*)

Um jantarão, hein, meu velho? A bela feijoada de orelheira e a maravilhosa salada de pepinos...

SILVA

É indigesto.

AUGUSTO

Indigesto és tu. (*A Luís*) Tenho uma fome...

MACHADINHO

É dois...

SILVA

E quatro...

LUÍS

Vocês não façam cerimônia; quando quiserem mudar de roupa, entrem; já sabem onde estão os seus quartos.

AUGUSTO (*empurrando-o para casa*)

Olha, filho, ocupa-te mais do nosso estômago, e menos do nosso fato. Vai, vai...

LUÍS

Até logo. (*Entra em casa*)

## CENA II

*Machadinho, Augusto e Silva.*

MACHADINHO

Sentemo-nos. (*Senta-se*)

SILVA

Bem lembrado. (*Senta-se*)

AUGUSTO

Vá lá. (*Senta-se*)

MACHADINHO (*bifurcado na cadeira*)

Então? O que lhes dizia eu? Que se não haviam de arrepender. E arrependeram-se? Isto é que é vida!

AUGUSTO

Até agora não temos razão de queixa.

SILVA

Temos sido muito obsequiados.

AUGUSTO

E tratados a vela de libra!

SILVA

Assim eu era capaz de passar um ano em férias!

MACHADINHO

E eu um século.

AUGUSTO

E eu abandonava o escritório do patrão por uma eternidade! — Mas, digam-me cá, rapazes! (*Aproximam-se as cadeiras*) O Luís não lhes parece que anda meio assim?...

MACHADINHO



Espera. (*Ergue-se e vai certificar-se que estão bem sós*) O Luís é uma pérola, não é?

AUGUSTO

Ninguém diz o contrário.

MACHADINHO

Mas acerca disto, (*bate na cabeça*) coitado...

SILVA

Ninguém diz o contrário.

MACHADINHO

O Luís anda apaixonado...

Augusto e SILVA

Hein?...

MACHADINHO

Vocês conhecem a Zizinha?

SILVA

A polca?

MACHADINHO

Que polca! A polca não se chama Zizinha... — Ó Silva, refiro-me àquela nossa vizinha, filha do Santos, empregado no Tesouro!

SILVA

Ahn...

AUGUSTO

O pai conheço eu, mas não tenho relações com a família.

MACHADINHO

Pois a Zizinha está prometida ao Luís com uma condição: o velho Santos só lhe concede a mão da filha, se o Luís fizer com que o pai vá a corte.

AUGUSTO

Homessa!

SILVA

Nada mais fácil.

MACHADINHO

Isso é o que te parece. O velho Arruda, pai de Luís, foi condiscípulo do velho Santos, pai de Zizinha, quando estudantes no Seminário; como eram muito teimosos, um belo dia brigaram por via da batina do reitor.

AUGUSTO

Ora esta!

MACHADINHO

Da batina, sim! Um dizia que era de merino e outro que de cetim!

SILVA

Ah! Ah! Ah! De forma que...

AUGUSTO

Ficaram mal... Ah! Ah! Ah!...

MACHADINHO

Exatamente. O velho Arruda (seja dito de passagem aqui entre nós, que ninguém nos ouve)... (*Certificando-se de novo que estão bem sós*) O velho Arruda anda de dois pés com licença da Câmara.

SILVA (*com o mesmo jogo de cena*)

É tapado como uma ostra...

AUGUSTO (*no mesmo*)

Como duas ostras.

MACHADINHO

Retirou-se cá para a fazenda e embirrou em não voltar à corte enquanto o seu antigo condiscípulo se achasse lá. Turrão como ele só!...

SILVA

Mas, afinal de contas, de que era a batina?

MACHADINHO

As partes litigantes não chegaram a um acordo.

*(Aparece Luís)*

AUGUSTO

E quem te contou essa história? O Luís?

### CENA III

*Machadinho, Augusto, Silva e Luís.*

LUÍS

Eu mesmo, e é a pura verdade, meus amigos.

SILVA *(sobressaltado)*

Estavas ouvindo?

LUÍS

Estava.

MACHADINHO *(muito atrapalhado)*

Oh! diabo! Ouviste o que dissemos a respeito de teu pai?

LUÍS *(com simplicidade)*

De papai? Não... o que foi?

MACHADINHO

Então estamos salvos. Desculpa minha indiscrição.

LUÍS

Não só desculpo, mas agradeço. Poupaste-me o trabalho; eu ia fazer-lhes esta confiança...

OS TRÊS

Sim?

LUÍS

E pedir-lhes um serviço...

OS TRÊS

Fala...

LUÍS

Ajudem-me a fazer com que o velho vá à corte.

AUGUSTO

É difícil.

MACHADINHO

Qual difícil! Astúcia no caso!

SILVA

Assim sim.

AUGUSTO

Qual há de ser?

MACHADINHO

O que achamos.

OS QUATRO

Procuremos...

*(Toma cada um sua cadeira e sentam-se todos isoladamente. Pausa)*

AUGUSTO

Acharam?

SILVA

Qual!

MACHADINHO

Ouçam. *(Ergue-se, reflete e volta a sentar-se)* Qual! não presta!

LUÍS

É o diabo... *(Ergue-se)*

AUGUSTO

Com botas! *(Ergue-se)*

SILVA *(imitando-os)*

Não me lembro de nada...

MACHADINHO *(no mesmo, desabridamente)*

Procuremos!

OS QUATRO

Procuremos!

*(Pensam)*

CORO

Ou por bem, ou por mal.

por qualquer meio original,

o velho vai à corte, olé!

passar o carnaval!

*(Este coro é executado com um ligeiro movimento coreográfico)*

## CENA IV

*Machadinho, Augusto, Silva, Luís e Arruda.*

ARRUDA (*sai de casa e parece preocupado com a leitura de um livro*)  
Doze pé de artura sobre nove de largo. (*A Luís, que lhe estende a mão*)  
Tu *estava* aí, Lulu? Deus Nosso Senhor Jesus Cristo te dê uma boa sorte. — Ó Lulu me diz: isto é verdade *memo*? Estes *home* fôrum a Lua?

LUÍS  
Que homens, papai?

ARRUDA  
Aqui tá *escrevido* em letra de imprensa nesta novela de (*lendo o lombo do livro*) Júlio Verne.

LUÍS  
É e não é verdade.

MACHADINHO (*puxando pelo paletó*)  
Cala-te, diabo! Deixa-me falar: achei um meio.

ARRUDA  
Ó Lulu, pois se aqui está *imprimido*! Como é *entonces* que não é verdade, *home*? Pois os livros da imprensa também *mente*, *home*?

MACHADINHO  
O Luís tem razão, senhor Arruda; é e não é verdade.

ARRUDA  
*Quá* seu *doutô*, não é possível!

MACHADINHO  
Eu me explico: é verdade, porque tudo isso que aí está escrito, aconteceu — e o não é, quanto ao nome dos personagens, que estão trocados.

ARRUDA

Mas *entonces* por quê?

MACHADINHO (*estalando os dedos*)

Isso foi um cometimento grandioso, que abalou todas as notabilidades científicas dos dois mundos.

ARRUDA

Os dois *mundo*? *Quá* é outro? (*Satisfeito por ter achado*) Ah! é o mundo da Lua!

SILVA (*rindo-se*)

Nada: o mundo velho e o novo mundo.

ARRUDA (*com ares de quem sabe*)

Sim... sim... o *véio* e o novo... *Vamo* adiante.

MACHADINHO

Como ia dizendo, essa empresa abalou todas as notabilidades científicas... todas e mais algumas!

ARRUDA

Que brincadeira, hein? Abalou muita gente!

MACHADINHO

Os que tomaram parte nela foram alvo de estrondosas manifestações, e por modéstia ocultaram os seus nomes; se assim não fizessem o povo da União não os deixaria mais descansar.

ARRUDA

Da União e Indústria?

(*Risadas*)

MACHADINHO

Quem lhe falou em União e Indústria? A União, isto é, os Estados Unidos da América!

ARRUDA

Ahn... Agora entendi, seu *doutô*. Pois, meus *amigo*, *tou* com vontade de *dá* um passeio até a Lua!

SILVA (*baixinho, a Machadinho*)

Até a Lua? E esta?...

ARRUDA

*Vamo* à Lua, *vamo*, rapaziada? Que glória pra nós e pro Brasil, *pro mode* disso.

MACHADINHO

Soberbo! Sublime arrojo!

ARRUDA

É um grande projeto, não é, seu *doutô*?

MACHADINHO

Admirável!

AUGUSTO

Incomparável!

SILVA

Incomensurável!

ARRUDA

Vocês são quase *engenheiro*...

AUGUSTO

Menos eu...

ARRUDA

Se *encarrégum* de *arranjá* o *apareio*... mas porém eu é que devo *dá* o *risco*! Que tu *diz* a isto, Lulu?

LUÍS (*simplesmente*)



Eu digo... Não digo nada...

ARRUDA

*Iremo num foguete!*

MACHADINHO

Boa ideia!

ARRUDA

Só lhe falta o rabo.

MACHADINHO

À ideia?

ARRUDA

Ao foguete.

MACHADINHO

Comprometo-me pela construção do aparelho!

ARRUDA

O foguete há de *assubir* do morro mais *arto* que *houvé* no Rio de Janeiro!

MACHADINHO

Certamente.

ARRUDA

Duma feita em que o céu *tivé* bem limpo, e não *chuvá* nem trovoadas tão cedo.

SILVA

Isso é que há de ser difícil!

ARRUDA

*Dífice? Tenho aqui o tira-teima, home! (Tirando um folheto do bolso) O Armanaque do Ayer! Isto é aquela certeza. Se ele pega diz que não chové, é porque não chove memo.*

AUGUSTO (*à parte*)  
Em que dará tudo isto?

ARRUDA  
*Vamo passá o entrudo na Lua: ao menos o terceiro dia há de ser muito adivertido!*

LUÍS  
Mas, papai, a empresa é muito dispendiosa.

ARRUDA  
Sou pobre de rico, louvado seja Deus Nosso Senhor Jesus Cristo! Pra *cobri* de glória a minha terra, não olho *sacrafício*.

LUÍS  
Mas...

MACHADINHO (*à parte, a Luís*)  
Não te calarás! (*Alto, a Arruda*) Está dito, senhor Arruda, vá fazer o desenho do foguete. E hurra pela Lua!

TODOS  
Hurra!

### *RONDÓ e CORO*

MACHADINHO  
Isto há de dar ao mundo o que falar!  
Estes tipos pelo ar  
(é verdade nua e crua!),  
num foguete a viajar!  
A glória que nós vamos conseguir,  
essa glória que há de vir,

não há nada que a destrua;  
nada a pode destruir!  
Quando chegarmos à Lua,  
hei de, olé! me divertir!  
Tomarei uma peruca!  
Muito havemos nós de rir!

TODOS

Quando chegarmos à Lua,  
hei de, olé! me divertir!  
Tomarei uma peruca!  
Muito havemos nós de rir!

MACHADINHO

Destemidos, decididos,  
vamos viajar  
no ar!  
Sujeitos tão atrevidos  
se procurarão  
em vão.  
O nosso nome  
grande renome  
com certeza alcançará;  
um monumento  
tão grande invento  
juro que valer-nos-á!  
Pobre ficamos  
que mal nos faz?  
Glória alcançamos,  
que vale mais!  
Muito ganhamos  
co'a empresa audaz  
que honra nos traz!  
Quando chegarmos à Lua,  
hei de, olé! me divertir!  
Tomarei uma peruca!  
Muito havemos nós de rir!

TODOS

Quando chegarmos à Lua,  
hei de, olé! me divertir!  
Tomarei uma perua!  
Muito havemos nós de rir!

MACHADINHO

Agraciados,  
remunerados,  
condecorados  
seremos nós!  
A viajar  
vamos honrar  
nossos avós!

TODOS

Agraciados,  
remunerados,  
condecorados  
seremos nós!  
A viajar  
vamos honrar  
nossos avós!

MACHADINHO

Receberemos mil atenções  
e comissões,  
aclamações,  
licitações,  
exortações,  
adulações  
animações,  
publicações  
e muitas congratulações!!...

TODOS

Quando chegarmos à Lua,

hei de, olé! me divertir!  
Tomarei uma perua!  
Muito havemos nós de rir!

ARRUDA

Vou tratar do desenho. (*Entra em casa*)

## CENA V

*Machadinho, Augusto, Silva e Augusto.*

LUÍS

O que estás fazendo?

MACHADINHO

O que estou fazendo? Estou a arranjar meios e modos de levar teu pai à corte.

LUÍS

Como assim?

MACHADINHO

Não temos aqui fundição nem operários; é preciso irmos à corte para arranjar o foguete.

LUÍS

Estás a ler; não conheces papai. Ele é capaz de estabelecer uma fundição na fazenda e mandar vir operários da Inglaterra.

MACHADINHO

Mas a ascensão não pode ser feita senão do Corcovado! Far-se-á tudo como se fora real, à exceção da despesa. Não tocaremos no dinheiro do teu papai. (*A Augusto*) Ó Augusto, tu ainda és o presidente dos *Netos da Lua*?

AUGUSTO

À falta de homens...

MACHADINHO

Eu pertenço à sociedade, mas não sei a quantas anda.

AUGUSTO

Com que então é preciso meter na dança uma sociedade carnavalesca?

MACHADINHO

Ouve, e cala-te: Oficia daqui à Sociedade, e diz-lhe que tens um carro de ideia.

SILVA

Um carro de ideia? Ah! é a gíria...

MACHADINHO

Dou-te uma ideia do carro: leva dentro o foguete que há de ser de papelão e prateado ou bronzado, e de acordo com o desenho do nosso Arruda. O resto fica por minha conta. (*A Luís, que pensa*) Compreendes?

LUÍS (*pensando*)

Começo a compreender... (*Pausa*) Compreendo! Ó Machadinho, ó Augusto, ó Silva, deem-me as suas mãos. (*Aperta-lhes as mãos*) Pobre Zizinha, como vais ser feliz!

ROMANZA

Dona do afeto meu,  
esplêndida Zizinha,  
em breve serei teu,  
em breve serás minha!  
Hei de levar papai  
de teu pai à presença...  
Oh! que ventura imensa!  
Amor c'roar-nos vai!

Ligar à tua a minha sorte  
é quanto almejo,

quanto desejo.  
Papai, papai, irás à corte!  
Tu não calculas, não,  
Sinhá, quanto te adoro!  
Se cerca-me a solidão  
vens-me à lembrança e choro...  
Ai! quem me dera estar  
já, entre os teus carinhos,  
os cândidos filhinhos  
nas pernas a embalar.  
Ligar à tua a minha sorte  
é quanto almejo,  
quanto desejo.

*(Durante esta romanza os outros rapazes têm feito grupo à parte e conversam entre si)*

AUGUSTO

É bonito, mas é triste...

MACHADINHO *(a Luís)*

Toma vergonha, comporta-te, meu simplório; não chores! Lembra-te que és quase um senhor bacharel em Matemáticas pela antiga Central! *(Declamando com ênfase)* Um das colunas que... *(Outro tom)* Não chores, ó Arruda Júnior. *(Luís ri-se)* Ora graças a Deus que já te ris.

LUÍS

Confio muito em você, Machadinho, mas, quando me lembro que papai é tão teimoso, receio ver por terra os teus projetos. E o velho Santos é outro! Se não levo papai à corte, pega fogo na canjica.

MACHADINHO *(batendo-lhe de leve rosto, como se costuma fazer às crianças)*

Coitadinho do Lulu! Deixa estar, deixa estar, meu benzinho, que papai há de ir, e em nossa companhia.

SILVA

Já falaste ao velho sobre esse casamento?

LUÍS

Já, e está por tudo!

MACHADINHO

Então melhor! Viva Deus! Está tudo arranjado!

*POLCA CANTADA*

I

Ser minha

Juraste...

Faltaste,

Zizinha.

A jura!

Mentida,

Perjura,

Fingida!

II

Não cresta

Essa face...

Na festa

Valsaste!

Dançando

Qual fada,

Girando

Enlevada!

III

Eu vi-te

Passar.

E o par

Te cingia!

Teu rosto



Formoso  
De gozo  
Sorria.

IV  
Eu triste  
Calado,  
Ralado,  
De dor!  
Que bem  
Te importavas,  
Valsavas  
Ó flor!

V  
E fraco  
Sozinho  
Mesquinho,  
Chorei!  
Dizia  
Meu pranto  
O quanto  
Te amei.

VI  
Assim  
Como a rosa  
Formosa  
Definha...  
Pra mim  
Feneceste,  
Morreste,  
Zizinha!...

AUGUSTO

Bem, vamos mudar de fato. As moças não devem tardar.

TODOS

Vamos.

LUÍS

Esperem...

*REPETIÇÃO*

Ligar à tua a minha sorte,  
é quanto almejo,  
quanto desejo!  
Papai, papai, irás à corte!

TODOS

Papai, papai, irás à corte.

*(Saem)*

**CENA VI**

*Arruda e um Feitor.*

ARRUDA

Pois aqui está, Seu Zé. Leve esta cartinha ao compadre *Mané Mascate*, tá ouvindo? Olhe que o *home* hoje tá feito Barão... Veja como trata *ele*.

O FEITOR

*Nhor*, sim, patrão. *(Vai a sair)*

ARRUDA

Escute cá: — Você só trate o *home* de seu Barão, hein? tá ouvindo? Seu Barão pr'aqui, Seu Barão pr'ali, Seu Barão pra cá, Seu Barão pr'acolá; que toma, que vira, Seu Barão, Seu Barão assim; Seu Barão assado; pé, pé, pé, Seu Barão, Seu Barão, pé, pé, pé...

O FEITOR

*Nhor*, sim, patrão. *(Vai a sair)*

ARRUDA

Psiu! Olhe cá. — De caminho para lá passe na venda do Chico *Gracia* e diga a ele que a besta de sua irmã dele, que andava descadeirada, já teve o seu bom sucesso, e *tá* pronta pra outra.

O FEITOR

*Nhor*, sim, patrão. (*Vai a sair*)

ARRUDA

Seu Zé, ó Seu Zé! Olhe! Diga a Seu Barão pr'ele *vi* logo que *arrecebê* a carta, *tá* ouvindo?

O FEITOR

*Nhor*, sim, patrão. (*Vai a sair*)

ARRUDA

Olhe, seu Zé. (*O homem volta. Pausa*) *Tá* bom: vá se embora com Deus e a Virgem Maria.

O FEITOR

Amém, patrão. (*Sai*)

ARRUDA (*saltando para fora da tranqueira e gritando*)

Dê lembranças a Sá Baronesa. *Tá* ouvindo?

O FEITOR (*de longe*)

*Nhor*, sim, patrão.

ARRUDA (*desce à cena refletindo e, lembrando-se de alguma coisa mais, corre outra vez ao fundo e grita*)

Ó seu Zé? Psiu! Seu Zé! *Quá*, o home corre *cumo* um danado! Tem medo que *chame* ele outra vez!

## CENA VII

ARRUDA (*só, descendo*)

Pois ou eu não me chamo Arruda, ou não dou um pulo até a Casta Diva! *Hei de plantá* a bandeira brasileira lá em cima. (*Batendo no livro, que ainda conserva na mão*) Diz este *home* que aquilo por lá é uma coisa *incomparave*. Que *home* sabido! É um sábio! É um *sabão*! O moleque é *case superiô* ao Ayer! Isto! (*Tirando a folhinha*) Isto também é obra! Quando ele diz que chove, é porque chove *memo*; já não saio de casa nem a cacete! Até o dia de hoje não tem *faiado*. É aquela certeza! *Entonces na Oropa, dize as foia* que inda é *mió*. — Ora, eu tive um companheiro e amigo lá no Seminário... (eu já fui *fromigão*, deixei por não ter queda pro latinório)... esse meu dito companheiro era tão teimoso que, se *tivesse* aqui, era capaz de *dizê* que este *Monsiú* não foi à Lua! (*Bate no livro*) *Fiquemo* de mal porque ele dizia que a batina do senhor reitor era de cetim e eu, que de merino. Palavra puxa palavra, e pan! *fiquemo brigado*. Eu peguei, deixei o dito Seminário e *entonces* vim pra fazenda, prometendo nunca mais *vortá* à corte. Nesse tempo era vivo o defunto meu pai e a defunta minha mãe, e ambos e dois me *aprovou*. Tenho cumprido a minha dita promessa, porque em teima ninguém me ganha. (*Os negros entoam no eito o jongo da primeira cena*) Oh! a minha gente está muito *adivertida*! É porque mandei *adistribuir* uma ração de parati e roupa nova de riscado grosso. Como sou feliz, quero que a dita minha gente *seje* também.

## CENA VIII

*Arruda e o Barão.*

BARÃO (*aparece no fundo e diz para dentro*)

Ó *Epifano*, toma *vem xentido no oitro*. Prende-o *pola rédea*. *Bê lá não bá fugire*.

ARRUDA

Ah! é o Mané. Veio depressa, seu compadre.

BARÃO (*descendo à cena*)

Ora *biba e mal* a obrigação. *Arrexevi* o seu *vilhete* em caminho e cá estou eu.

ARRUDA

Compadre, você hoje janta *com nós*...

BARÃO

Conosco, *xeu* compadre, compadre, conosco é que *xe* diz. — Janto *xim xenhore* e com muito *prajere*...

ARRUDA

*Prajere* também não se diz, seu compadre. (*À Parte*) Forte tolo!

BARÃO (*à parte*)

*Animale!* (*Alto*) *Boxé* é muito hospitaleiro. *Digo-te* como *digia* o *noxo* Camões...

ARRUDA

Camões?

BARÃO

Er'um *xujeito* que *nã* tinh'est'olho. Como *bem a propóxito*, *encaixo-le* este *pidaço*: — Traz bom conforto e *agajalho!*

ARRUDA

Parabéns, seu compadre. Sei que agora está feito Barão. Você agora não *negoceia* mais coa caixa.

BARÃO

Qual caixa nem qual *carapuxa!* *Xexe* tudo o que a *muja* antiga canta... Isto é do *noxo* Camões. (*À parte*) É uma lástima a *falare*.

ARRUDA (*à parte*)

Fala *má cumo* que... (*Ouvem-se risadas*) *Aí* vem a rapaziada... E o meu *doutô*...

BARÃO (*emendando*)

*Doutore, doutore, compadre!*

## CENA IX

*Arruda, Barão, Machadinho, Luís, Augusto, Silva.*

*(Os rapazes entram a rir-se, e com outras roupas)*

ARRUDA

Rapazes, o Seu Barão... *(Ao Barão)* Barão de quê, seu compadre?

BARÃO

Barão de *Bal-de-bez*.

ARRUDA

Barão de *Bal-de-bez*.

MACHADINHO

Deve ser de Val-de-vez. *(À parte)* Mais um para a coleção...

ARRUDA *(apresentando Luís ao Barão)*

Seu compadre, aqui tá o meu *doutô*. Ainda não saiu da Academia e já ali co seu colega. *(Mostra Machadinho)* aquele danado, fazer uma *mánica*...

BARÃO

De *apanhare* café?

ARRUDA *(dando um assovio e estalando os dedos)*

*Quá!* Uma *mánica* que não é pra Terra! Uma coisa *admirave!* Que há de *espantá* tudo. Que pega na gente e bota lá na Lua!

BARÃO

*Antão* digo como o *noxo* Camões: — *Xexe do xábio* grego e do troiano as *nabegaxões* grandes que *fijeram!*

MACHADINHO

Muito bem.

AUGUSTO *(a Luís)*

Apresenta-nos.

LUÍS

Senhor Barão, apresento-lhe os meus amigos: o senhor Augusto Soares, guarda-livros da respeitável casa comercial, correspondente de papai... Doutor Silva, Doutor Machadinho.

OS RAPAZES (*a um tempo*)

Excelentíssimo, temos o prazer de cumprimentar vossa excelência; honram-nos sobremaneira as relações que com vossa excelência acabamos de travar. (*Procuram todos ao mesmo tempo apertar a mão ao Barão, que fica atrapalhadíssimo*)

ARRUDA

Oh! não fale tudo assim de uma vez! O compadre não pode respondê a tudo a um tempo, cambada!

BARÃO (*conseguindo livrar-se dos rapazes*)

*Mous xenhores, não poxo agradexere tanta vondade, xenão a dijere como o noxo Camões: — Cantando espalharei por toda a parte tantas aquisicências.*

RAPAZES (*atrapalhando-o de novo*)

Bravo! Muito bem!

BARÃO

Os maninos desculpem falare assim. Aprendi a lere e a escrebere, e xei de core dois libros: os *Lujiadas* do noxo Camões e o Código de nã xei quem, mas há de xere do mesmo Camões, porque bai como o oitro que diz, aquilo que é *ovra fina*. É por ixo que cando acho *acasião*, encaixo um *pedaxinho* do noxo Camões. Xou muito amante da literatura.

AS MOÇAS (*aparecendo ao fundo*)

Dão licença?

TODOS

As moças! Vivam! Entrem, minhas senhoras.

## CENA X

*Arruda, Barão, Machadinho, Luís, Augusto, Silva, Rosinha, Joaquina e moças.*

*(Os rapazes sobem ao fundo e as moças descem, saltando alegremente)*

### CORO DE MOÇAS

Olá! com sua licença  
vamos entrando pra cá  
pois do sol a calma intensa  
ai! Jesus! de fogo está!

### ROSINHA *(a Luís)*

As mais gentis moças de Ubá  
vem lhe fazer uma visita.

### AS MOÇAS

As mais gentis moças de Ubá  
vem lhe fazer uma visita.

I

### ROSINHA

Com custo estou que nos dirá  
qual é de nós a mais bonita  
e qual de nós mais chique está.  
Ah!

Nós hoje, às mil maravilhas,  
vamos decerto passar!  
Valsas, polcas e quadrilhas  
vamos dançar!  
Brincar!  
Folgar



AS MOÇAS

Nós hoje, às mil maravilhas,  
vamos decerto passar!

Valsas, polcas e quadrilhas  
vamos dançar!

Brincar!

Folgar!

II

JOANINHA

Senhores meus, não de convir  
que estamos já civilizadas!

AS MOÇAS

Senhores meus, não de convir  
que estamos já civilizadas!

JOANINHA

Pois também sabemos rir!

Não somos, não, desajeitadas!

Sabemos já nos divertir!

Ah!

REPETIÇÃO DO CORO

Nós hoje, às mil maravilhas,  
vamos decerto passar!

Valsas, polcas e quadrilhas  
vamos dançar!

Brincar!

Folgar!

ARRUDA

*Vocês veio sozinha?*

ROSINHA

O Juca veio conosco; ficou atrás.

LUÍS

Agradeço terem aceitado o meu convite.

JOANINHA

Visitá-los era nosso dever de vizinhas...

ROSINHA

O seu convite foi um excesso de delicadeza.

JOANINHA

Senão uma amável repressão.

BARÃO

Destarte o *reio* Mouro *axim falaba*, como *dixe* o *noxo* Camões.

TODOS

Ah! Ah! Ah!

MACHADINHO

Pois Camões disse isto?

JOANINHA

Onde está Dona Miquelina, senhor Arruda?

ARRUDA

Tá lá dentro determinando a janta. (*Chamando para dentro*) Ó Siá Miquelina? (*Alguém responde lá dentro com um grito*) Aí vão as *menina*.

ROSINHA

Com licença; vamos cumprimentá-la.

AS MOÇAS

Vamos, vamos!

OS RAPAZES

Minha senhoras?

AS MOÇAS

Até já...

*REPETIÇÃO*

Nós hoje, às mil maravilhas,  
vamos decerto passar!

Valsas, polcas e quadrilhas  
vamos dançar!

Brincar!

Folgar!

*(Saem as moças)*

**CENA XI**

*Arruda, Barão, Machadinho, Luís, Augusto e Silva.*

ARRUDA *(ao Barão)*

Venha cá, compadre; assente-se aqui e ouça.

*(Sentam-se ambos à esquerda e conversam baixinho durante toda a cena)*

MACHADINHO

Precisamos divertir-nos.

SILVA

Temos o senhor de Val-de-vez.

AUGUSTO

E as moças.

LUÍS

Não falta nada. — Vou mandar preparar a música da fazenda: os negros dançarão o jongo.

MACHADINHO

Não esqueçamos o nosso projeto. Está tudo assentado: levaremos o velho à corte na antevéspera do carnaval.

LUÍS

Mas...

MACHADINHO

Não há mas nem meio mas. O velho há de ir, asseguro. Levá-lo-emos para o Jardim Botânico e aí efetuar-se-á um jantar para festejar a nossa pretendida viagem à Lua, que será no domingo de entrudo.

LUÍS

E depois?

MACHADINHO

Tenho cá o meu plano. Obedeçam-me passivamente, e nos sairemos bem. Manda a carta que te ditei ao Secretário dos *Netos da Lua*, e inclui a que escrevi ao aderecista da Fênix. Isto deve ser feito hoje.

LUÍS

Vou já mandá-la levar à caixa da estação.

MACHADINHO

Mau! Manda-a levar por um próprio a seu destino. Não nos fiemos no Correio.

LUÍS

Nesse caso, só amanhã poderá ir. Vou entender-me com o Feitor a respeito da musicata, do jongo e do próprio que há de levar a carta.  
(*Sai*)

## CENA XII

*Arruda, Barão, Machadinho, Augusto e Silva.*

ARRUDA (*erguendo-se, ao Barão*)

Pois é isto, compadre: vou *fazê* uma grande *viagem*. Eu deixo *vacê* feito meu *procuradô* bastante, e há de *dirigi* isto por cá enquanto eu *tivé* fora. Se *arguém* me *procurá*...

BARÃO

*Encaixo-le este pedaxinho de noxo* Camões: — Porém já *xinxo xóis eram paxados*... (*Erguem-se*)

ARRUDA (*dirigindo-se aos rapazes*)

O que *faz vacês* aí? *Venhum* pra dentro; *vamo conversá* coas *moça*.

TODOS

Vamos lá, vamos! (*Vão entrando em casa; saem as moças*)

### CENA XIII

*Arruda, Barão, Machadinho, Augusto, Silva, Rosinha, Joanninha e moças, depois Luís e negros, depois um negro.*

ROSINHA

Como não quiseram honrar-nos com a sua companhia, vimos nós *procurá-la*.

MACHADINHO (*baixo a Rosinha*)

A senhora é a rainha das belas.

ROSINHA (*faceirando-se*)

Não me *debique*, *moço*.

JOANINHA

Esperemos pelo jantar brincando algum jogo de *prendas*.

AUGUSTO

Era a minha *ideia*.

ARRUDA

O que há de *ser*?

BARÃO

*O Tempo-xerá...*

TODOS

Oh!

*(Risadas)*

BARÃO

*Então a caibra-xega! (Tira um lenço encarnado e tapa os olhos) Eu xou a caibra! Eu xou a caibra!*

MACHADINHO *(tirando-lhe o lenço dos olhos)*

Nada... nada...

BARÃO

Ai!

TODOS

O que foi?

BARÃO *(esfregando os olhos)*

Caiu-me rapé no olho!

MACHADINHO

*Não é nada. (O Barão pede a Arruda que lhe sopre o olho. Jogo de cena) Vou ensinar-lhes um brinquedo da minha terra. Sentem-se todos e façam a roda. (Sentam-se todos, menos Machadinho) Trata-se de organizar uma orquestra. Eu sou o regente. Toco violino. (A Rosinha) E a senhora?*

ROSINHA

Flauta.

MACHADINHO

*O Barão, gaita de foles. O senhor Arruda, trombone de vara. (Risadas) A senhora?*

JOANINHA

Clarineteta.

MACHADINHO (*aos outros*)

Bumba. — Pratos. — Rabecão. — Tímbales. — Fagote. — Violeta, etc. (*Distribui o nome de um instrumento a cada uma das pessoas presentes*) Quando eu imitar o meu instrumento, cada um imitará também o seu. Quando, porém, imitar gaita de foles, por exemplo, o Barão imitará o violino. O que não mudar de instrumento com a devida presteza pagará uma prenda. (*Pede o rebenque do Barão e começa a imitar um regente de orquestra*) Um dois e Três... Três é o sinal para começar... o Hino Nacional. Um, dois e Três!... (*Executam o hino brasileiro do modo acima descrito. O Barão atrapalha-se todo. Machadinho dá o sinal para parar*) Senhor Barão, pague a prenda!

BARÃO

*Ixo é muito caro? Nã bim prebenido.*

*(Risadas. Cena viva e ruidosa)*

MACHADINHO

Não é dinheiro. Dê um objeto de seu uso: logo será restituído.

BARÃO

*Tome lá. (Dá a japona que traz debaixo do braço. Risadas)*

MACHADINHO

Isto é muita coisa! Um objeto que caiba dentro de um chapéu.

BARÃO

*Ahn... Tome lá um dos mous anelões. Olhe que ixo é oiro do Porto lexítimo de Vraga!*

*(Risadas)*

MACHADINHO

Agora cante cada um o que quiser. Um, dois e... Três, (*confusão de vozes*) Dona Rosinha, sua prenda. (*Rosinha dá-lhe uma flor e aperta-lhe a mão furtivamente*) Agora, a Chave. Um, dois e... Três! (*Cantam todos*) Senhor Arruda, a prenda!

ARRUDA

Já sei, já sei, *home*. Não preciso *aprendê*.

MACHADINHO

Não me entendeu... estou lhe pedindo a prenda.

ARRUDA

Ahn... (*Dá-lhe um objeto qualquer*)

JOANINHA

Para não maçar, paguem todos.

ARRUDA

*Memo* porque *Siá* Miquelina não tarda a *chamá* a gente pra janta.

MACHADINHO

Paguem... paguem...

(*Todos dão-lhe objetos*)

AUGUSTO

Vamos às sentenças.

MACHADINHO (*tirando um objeto do chapéu e conservando-o fechado na mão*)

Dona Rosinha, dê a sentença. O que quer que se faça com o dono desta prenda?

ROSINHA

Se for cavalheiro... (*Pensa*) se for cavalheiro, servirá de banco de lavar roupa, e, se for senhora, suspirará no canto.



MACHADINHO (*abre a mão e deixa ver o anel do Barão*)  
É o senhor Barão.

(*Risadas*)

BARÃO

*Nã quero! Um home de minha idade e varão a xervir de vanco de labare roupa! Nã quero!*

MACHADINHO

Vamos! Ponha-se de quatro pés!

ROSINHA

Pois bem, recitará uma poesia.

BARÃO

Ê não sou poeta...

SILVA

Mas sabes o Camões de cor...

AUGUSTO

Encaixe-lhe um pedacinho.

TODOS

Então, então? Ora vamos, senhor Barão!

BARÃO

Pois bem. Para a *xenhora* que aí está *tã vem axentada, bem a calhare este pedaxinho do noxo* Camões: — *Estabas, lind'Inês, posta em xoxego...*

TODOS

Fora! Não serve!

BARÃO

*Nã serve?!*

AUGUSTO  
Isso é rococó!

BARÃO  
Pois *antão...*

ARRUDA (*ao Barão*)  
*Antão, não, entonces...*

BARÃO  
Pois *antão* bai isto. (*Canta e dança, sem acompanhamento de orquestra, ao tom da Cana Verde*)  
Ai, se tu fores ao *mare pescare*,  
pesca-m'uma laranjinha,  
ai, que *x'ela fore ajeda*,  
na tua mão é *doxinha*.  
Ai, ó, ai,  
ai, ó, ai!  
Quem escorrega,  
quem escorrega  
*tamvém* cai!

TODOS  
Ah! Ah! Ah!... Bravo! Muito bem!

(*Música. Luís entra precedido da banda de música da fazenda e seguido por um coro de negros do eito*)

LUÍS  
Interrompam a brincadeira! Lugar ao jongo!

(*Os brancos sobem para o alpendre*)

JONGO

CORO DE NEGROS  
O vento no *cafézá*

é forte *cum'ele* só;  
a gente fica afogada  
no meio de tanto pó.  
(*Danças batendo palmas*)

MACHADINHO (*descendo do alpendre com os outros personagens*)  
Atenção! Ouçam o programa dos pagodes de hoje!

### FINAL

Logo que jantarmos,  
pomo-nos de pé  
e, enquanto esperarmos,  
que venha o café,  
o *S'or padre cura*  
até noite escura  
havemos de jogar  
e palestrar

### AS MOÇAS

Logo que jantarmos,  
pomo-nos de pé  
e, enquanto esperarmos,  
que venha o café,  
o *S'or padre cura*  
até noite escura  
havemos de jogar  
e palestrar

### MACHADINHO

Mal se acendam velas  
para a sala, vão  
esticar as canelas  
Todos que aqui 'stão.  
O piano usado  
hoje ficará  
bem desafinado,

mais do que já 'stá!  
Já não estão na moda  
(me dirão vocês)  
nem fados de roda,  
nem cateretês;  
mas... deixem-se disso,  
e é pedir por mais!  
Caíam no serviço  
danças nacionais!

### CORO GERAL

#### BRANCOS

Logo que jantarmos  
pomo-nos de pé  
e, enquanto esperarmos  
que venha o café,  
*o S'or padre cura*  
até noite escura  
havemos jogar  
e palestrar!

#### NEGROS

Logo que jantarem  
põem-se de pé  
e, enquanto esperarem  
que venha o café,  
*o S'or padre cura*  
até noite escura  
lá irão jogar  
e palestrar!

#### ARRUDA (*com ligeiro movimento de dança*)

Assim é que eu gosto de ver os rapazes!  
Aí, sim, senhor! Trá lá lá! Trá lá lá!

#### MACHADINHO (*imitando-o*)

Não sabe o senhor de que somos capazes!  
Onde nós nos acharmos o prazer está!

#### BARÃO (*dançando também*)

Pesca-me uma laranjinha,  
se fores ao mar pescar...

#### ARRUDA

Ai, que vontade esta minha!  
que vontade de dançar!

## MACHADINHO e AS MOÇAS

*En avant!*

sem mais demora

*En avant!*

ferva o cancã!

## CORO GERAL

### BRANCOS

Logo que jantarmos

pomo-nos de pé

e, enquanto esperarmos

que venha o café,

*o S'or padre cura*

até noite escura

havemos jogar

e palestrar!

### NEGROS

Logo que jantarem

põem-se de pé

e, enquanto esperarem

que venha o café,

*o S'or padre cura*

até noite escura

lá irão jogar

e palestrar!

### UM NEGRO (*entrando*)

Manda dizer sinhá

que a janta pronta 'stá.

### CORO

A janta pronta está!

### ARRUDA

Já fortes pontadas sentia na pança!

### BARÃO

Que boa notícia pro pai da criança!

### CORO GERAL

Já, com presteza

vamos jantar

Já, com presteza,

vamos jantar

Vamos pra mesa

sem mais tardar!

## ATO II

*O teatro representa o exterior do botequim que se acha em frente ao portão do Jardim Botânico. À direita, o edifício, com a tabuleta "Restaurant Campestre". À esquerda cerca rústica e portão com cancela. Ao fundo, bosque de bambus. Mesas e cadeiras de ferro, etc.*

## CENA I

*Primeiro criado, segundo criado e criado.*

*(Os criados estão ocupados em arranjar uma mesa que está no meio da cena, repleta de acepipes, cristais, jarras com flores, etc.)*

### CORO DE CRIADOS

Que belas iguarias!

Não é todos os dias

Que se vê tanto afã

no *Restaurant*

Vi melhor,

vi pior,

coisa assi'

nunca vi!

PRIMEIRO CRIADO (*mostrando ao segundo um peru de forno que traz num prato*)

Olá Trancoso,

vem cá: vê tu

como é cheiroso

este peru!

SEGUNDO CRIADO (*mostrando ao primeiro um presunto de fiambre que traz em outro prato*)

Sim, cheira muito,

mas vê também

este presunto  
que cheiro tem!

## REPETIÇÃO DO CORO

*(Findo o coro, os criados, que têm acabado de arranjar a mesa, entram no botequim)*

## CENA II

*Machadinho e Luís.*

LUÍS *(trazendo Machadinho pelo braço)*  
Vem cá, vem cá...

MACHADINHO  
Espera... espera... *(Quer voltar)*

LUÍS *(trazendo-o à boca de cena)*  
Mas, enfim, de que meio te serviste para fazer com que papai viesse à corte?

MACHADINHO *(com volubilidade)*  
Do mais simples: fiz-lhe ver que a ascensão só podia efetuar-se do Corcovado. Fiz-lhe grandes preleções sobre distâncias, etc. Ele a princípio hesitou, mas convenceu-se, afinal, de que era necessário ceder. Ainda assim impôs a condição que só viria na véspera da ascensão, e que eu partiria antes dele, imediatamente, para mandar construir o foguete. Esta conversa foi de madrugada; às seis da manhã estava eu de viagem. Ainda estavas dormindo; não quis acordar-te, e eis aí por que ignoravas em que pé estão as coisas. — Uf! que está quente hoje! *(Vai a sair; Luís toma-lhe a passagem)*

LUÍS  
Apenas chegados ontem à noite, viemos da Estação para cá.

MACHADINHO

Que é dele?

LUÍS

Dorme.

MACHADINHO (*a meia voz*)

Se visses! É um imenso foguete de papelão bronzeado, em cujo bojo existe um espaçoso compartimento, capaz de conter folgadoamente seis pessoas. Tem seis janelas e uma porta, que fica na cabeça. O construtor saiu-se. Mandeí fotografar o carro e o foguete. (*Vai saindo*)

LUÍS (*retendo-o*)

Para quê?

MACHADINHO

Para convencer ao velho de que seu risco foi seguido à risca. Arrisquei só Três mil réis com a fotografia.

LUÍS

Então fostes ao Lopes?

MACHADINHO

É o meu freguês.

LUÍS

Pagaste?

MACHADINHO

Arrisquei apenas, já disse: posso pagar ou não. — Os *Netos da Lua* hão de brilhar este ano! Caramba!

LUÍS

Invejo este teu gênio inventivo!

MACHADINHO



É para que saibas. (*Vai saindo e para junto à mesa*) Este banquete foi mandado servir por ordem minha. Faz parte também do meu plano.

LUÍS

Estou impaciente por ver em que dá tudo isto.

MACHADINHO

Hás de ver. Hei de deitar um pouco de ópio no copo em que teu pai tiver de beber, o velho adormece... e verás o resto. (*Vai a sair*)

LUÍS

Mas, vem cá, filho: não haverá perigo?

MACHADINHO

Não tenhas receio: é uma pequenina dose, que o fará dormir, só até a meia noite. (*Vai a sair*)

LUÍS

Onde diabo queres ir com tanta pressa?... Estás só... (*Imita-o*)

MACHADINHO

Quero esperar essa gente.

LUÍS

Que gente?

MACHADINHO

Ah! Imaginas que este baltazar é só para nós três! Tinha que ver! Olha: além do Augusto e do Silva, hão de vir as repúblicas do Sousa, do Bento e do Guedes... A Sara...

LUÍS

Que Sara?

MACHADINHO

Aquela francesa do Hotel dos Príncipes, com quem o Fonseca anda a esbodegar a legítima materna. Vem também a Elisa, a Chiquinha, a Maroca da Rua do Senhor dos Passos...

LUÍS

Ai, ai, ai! Não vá o velho desconfiar!

MACHADINHO

Não desconfia não. As raparigas hão de portar-se bem. Darei as providências... *(Vai a sair)* O Augusto e o Silva, coitados! andam na faina desde pela manhãzinha: estão preparando a sala da sociedade para o baile de hoje, que também entra no programa. *(Vai a sair)* Ah! vi a Zizinha e dei-lhe esperanças...

LUÍS

Obrigado, meu bom amigo, obrigado.

MACHADINHO

Agora, é abrir vela aos tufões... e o resto à sorte! *(Vai a sair, entra Arruda)*

### CENA III

*Machadinho, Luís e Arruda.*

ARRUDA

*Bons dia, seu doutô; cumo vai a coisa?*

LUÍS

A benção, papai?

ARRUDA

Deus Nosso Senhor Jesus Cristo te faça santo.

MACHADINHO

O foguete está pronto e já lá está no Corcovado. Temos de partir às quatro horas da tarde. Foram precisos cento e cinquenta burros possantes para levaram-no até lá!

ARRUDA

Ora não estar lá eu! E onde arranjou tantos *doutô*, seu burro? Oh! me *descurpe, me descurpe*, moço. A gente às *vez* se engana! (*Emendando*) E onde arranjou tantos *burro*, seu *doutô*?

MACHADINHO

Com a Companhia dos Bondes Marítimos.

ARRUDA

Ahn...

MACHADINHO

O foguete foi conduzido num carro especial que mandei construir. Invenção minha! Veja isto. (*Dá a fotografia a Arruda que deita os óculos e examina-a atentamente*) Veja como está catita! Levamos dezesseis bandeiras nacionais, hein? É isto que aqui se vê! Temos dentro uma sala e uma alcova. A importância do saque que me mandou está quase inteiramente gasta. Uf! que calor!

LUÍS

Insuportável.

ARRUDA

Não faz *má*... Sou podre de rico e quero *i* à Lua!

MACHADINHO (*dando um documento a Luís, à parte*)

Aqui tens o saque: guarde-o. (*Alto*) De hoje a dois dias estaremos na Lua, se não sobrevier no sistema planetário algum impertinente fenómeno atmosférico que desvie o foguete do seu curso!

ARRUDA

Fala que nem um livro.

MACHADINHO

Senhor Arruda, mandei preparar este banquete, a que só hão de assistir notabilidades científicas. Vem o sábio naturalista Flowers e sua senhora, o Barão e a Baronesa do Canal do Mangue...

ARRUDA (*atalhando-o*)

Convidou o Júlio Verne?

MACHADINHO (*prontamente*)

Também, também! (*Gesto de Luís*) Oh! mas aquele Verne é um malandro! Virá ou não!

ARRUDA (*à parte*)

O diabo é se o Santos sabe que vim à corte. Pega fogo na canjica. (*Alto*) Ó Lulu, sobre o que nós *falemo*, bico, hein? Senão ponho um ovo quente na língua.

LUÍS

Esteja descansado, papai.

ARRUDA

*Entonces* tá tudo pronto, não?

MACHADINHO

Tudo.

ARRUDA

Ora viva Deus!

CANTO

Zás!

Trás!

Vou viajar.

Trás!

Zás!

pelo ar!

Que prazer  
eu vou ter!  
Zás, trás, zás!

*(Durante o canto entram Augusto e Silva)*

TODOS  
Zás, trás!  
Que prazer  
Trás, zás!  
vamos ter!

#### CENA IV

*Machadinho, Luís, Arruda e Silva.*

ARRUDA  
*Sejem bem aparecido!*

*(Apertos de mão)*

MACHADINHO  
Então já?

SILVA  
Vimos de carro... Encontramos no caminho uma troça...

MACHADINHO *(tossindo)*  
Sim... sim... o Barão e a Baronesa... o Verne... *(Sinais de inteligência)*  
Estão se demorando!

AUGUSTO  
O bonde estava descarrilhado. *(A Arruda)* Vimos despedir-nos.

SILVA  
Vamos deixá-los ao bota fora.

LUÍS  
Obrigado.

AUGUSTO  
Mas como está hoje o dia quente!

MACHADINHO (*a Arruda*)  
E isso é uma vantagem para a nossa viagem.

ARRUDA  
*Tá bom, tá bom... Fiquin conversando. Eu vou dá um giro. Quero vê estas parage. (Sai)*

## CENA V

*Machadinho, Augusto, Silva e Luís.*

TODOS (*menos Luís*)  
Viva a pândega!

MACHADINHO  
Somos uns danados!

AUGUSTO  
Sabe que as meninas de Ubá mandaram-nos um “nós, abaixo assinados”, pedindo para nos demorarmos mais alguns dias? Como era para a felicidade daquele povo, ficamos.

SILVA  
A Dona Rosinha mandou-te muitas lembranças. Falando seriamente, aquela moça está extraordinariamente apaixonada por ti.

MACHADINHO  
Deixa-te de pilhérias.

SILVA

É verdade ou não é. Luís?

LUÍS

Pelo menos parece.

MACHADINHO

O que parece é que vocês querem se divertir à minha custa!

TODOS

Oh!

AUGUSTO

Somos incapazes.

MACHADINHO

Está bem, está bem! (*Ouve-se rodar um bonde*) Aí chega o bonde.  
(*Consultando o relógio*) Como vem atrasado.

## CENA VI

*Machadinho, Augusto, Silva, Luís, Sara, Chiquinha, Fonseca, cocotes, estudantes.*

*(Os recém-chegados entram às gargalhadas, apontando para Fonseca que vem todo sujo de lama e com o chapéu amarrotado)*

## ARIETA

SARA

'Stou furiosa,  
muito nervosa —  
pudera não!  
De estar zangada,  
desesperada  
tenho razão.  
Três horas — onde? —

dentro de um bonde!  
Oh! nunca mais. (*A Fonseca*)  
De cá os sais!  
(*Fonseca dá-lhe um vidrinho de sais que ela aspira*)  
De mais a mais, o meu Fonseca  
caiu no chão.  
Que trambolhão!  
Apareceu-me uma enxaqueca!  
Ó sapristi!  
Que dor aqui!  
(*Leva a mão à cabeça*)  
Ah!  
'Stou furiosa, etc.

MACHADINHO (*a Fonseca*)  
O que foi isso, ó meu calouro?

FONSECA  
Que viagem, meu amigo, que viagem! O diabo do bonde  
descarrilhou Três vezes, e, se não fosse isso, chegávamos mais cedo.  
A terceira vez, desci para ajudar os homens que estavam a querer  
deitar o carro nos trilhos... e, quando ia subir, escorreguei e caí...  
fiquei neste estado.

TODOS  
Ah! Ah! Ah!

SARA  
*Pauvre Petit! (À parte, beliscando-o) taisez-vous done; voyez qu'on se  
moque de vous!*

FONSECA  
*En bien... Ne te fâche pas.*

SARA (*a Luís*)  
Recebi o seu bilhete... *et me voilà!* O Machadinho disse-me que você  
instava pela minha vinda.



MACHADINHO

Fazia questão de gabinete. (*Trependo a uma cadeira*) Minhas senhoras e meus senhores, atenção!

TODOS

Hum... hum...

MACHADINHO

Pior!

SILVA

O assunto é grave!

AUGUSTO

O negócio é sério!

TODOS

Atenção!

MACHADINHO

Não levem o negócio de flauta. É muito sério o que lhes vou dizer. Vocês Todos, rapazes, sem exceção de um só, são notabilidades científicas! Respondam pelos nomes que eu lhes der. E vocês, meninas, são as senhoras destes senhores. Todos vocês são bastante inteligentes para me não deixar ficar mal. Ó Fonseca, tu és o Barão do Aterrado.

FONSECA

Está dito. (*A Sara*) *En ce cas, tu es la Baronesse.*

SARA

*Oh! Mon Dieu, quel français que tu me chantes lá!*

CHIQUINHA

Eu o que sou?

MACHADINHO (*descendo da cadeira*)

Logo saberás.

CHIQUINHA

Eu quero ser condessa.

MACHADINHO

Está bem, está bem... Tomem sentido nos nomes pelos quais forem apresentados.

FONSECA

Apresentados? A quem?

MACHADINHO

Ao senhor Arruda!

SARA

*Qu'est-ce que c'est ce senhor Arruda?*

MACHADINHO

Verão... verão...(A Fonseca) Ó Barão, não vá entornar o caldo...  
Tenho medo de você...

FONSECA

Não há novidade. *Pas de nouveauté!*

MACHADINHO

Agora o riso e o prazer!

SARA

*Et pour commencer... (Chamando) Garçon, du champagne!*

LUÍS (a Machadinho)

Olha que papai pode vir...

MACHADINHO

Vou prevenir que nos previnam.

*(Um criado traz champanha, Machadinho fala-lhe baixinho)*

SARA

Encham os copos!

TODOS

Viva!

*(Enchem-se as taças de champanha)*

MACHADINHO *(de taça em punho)*

Um brinde!

TODOS *(no mesmo)*

Viva!

MACHADINHO

Ao nosso anfitrião! E há de ser recitado!

TODOS

Apoiado.

MACHADINHO *(recita)*

Quando a taça espumante transborda,

a nossa alma remonta-se ao céu!

Quem viveu sem tomar uma mona

foi um odre que nunca se encheu!

TODOS

Não serve! Não serve! A cantora!

CORO GERAL

Esqueçamos

e bebamos!

Beber!

Felizes sejamos

e toca a beber!

SARA  
É nisso que consiste o prazer!

CORO  
Beber!

SARA  
Amigos, a taça  
rechaça  
a desgraça!

CORO  
Beber!

MACHADINHO  
Beber até cair!  
Beber até dormir!

CORO  
Beber!  
Esqueçamos  
e bebamos!  
Beber!  
Felizes sejamos  
e toca a beber!

MACHADINHO  
Agora, submeto à casa uma proposta!

SARA  
*Voyons!*

MACHADINHO  
Um passeio na lagoa antes de jantar. Quem rema? Temos um  
escaler.

AUGUSTO

Todos nós remamos!

TODOS

Apoiado! Todos nós! Vamos!

*(Repetição do Coro — Saem todos pelo fundo)*

## CENA VII

*Arruda, Sara e Coro.*

*(Durante as cenas que se seguem os criados deitam o jantar na mesa)*

ARRUDA *(entrando)*

Pois, senhores, o Jardim Botânico é isto? Uma coisa tão falada nas foia? É com aquilo que se gasta tantos cobre? Lá na fazenda há muito capim *mió* que aquele rasteiro que *tem* ali! Tíbio! Eu pensei que era outra coisa! Vi umas *erva-de-santa-maria*, umas *flor...* *(Tomando um periódico que está sobre a mesa)* Vamos a *vê* que as *foi* diz de novo. *(Lê, deitando os óculos. Ouve-se fora o seguinte)*

## BARCAROLA

SARA

Minha barquinha dourada,  
que vento queres levar?  
De dia, vento da terra;  
de noite, vento do mar.

CORO

Minha barquinha dourada,  
que vento queres levar?  
De dia, vento da terra;  
de noite, vento do mar.

ARRUDA *(lendo com dificuldade)*

Certa sociedade carna... carnavalesca... (Não sei o que é) prepara um chistosa crítica à célebre Viagem à Lua! (*Zangado, arremessando o periódico*) Que desaforo! É inveja! É inveja só!

## CENA VIII

*Arruda e Luís.*

LUÍS

O que é que tem, papai?

ARRUDA

Lê. *Preparum* uma crítica à nossa *viage!* Vão *criticá* o diabo que os carregue, cambada! Eu só queria *sabê* quem foi!

LUÍS

Não pense nisso, os seus convidados já chegaram.

ARRUDA

Que dê eles?

LUÍS

Vossemecê não estava. Enquanto se deitava o jantar, foram dar um passeio pela lagoa. Vá vossemecê vestir a casaca. É de etiqueta.

ARRUDA

Com este *calô*... Enfim... (*Vai saindo e volta*) *Havemo de mostrá a esses biltre das foia* que vamos à Lua! (*Sai*)

## CENA IX

LUÍS (*só*)

Está a chegar o desenlace desta farsa, e, no entanto, tremo! Não quis acompanhar esses rapazes, para poder combater algum obstáculo imprevisto! Oh! papai, perdoa! Tu eras capaz de fazer o mesmo a vovô por via de mamãe!

## COPLAS

### I

Capaz de tudo sou por ela,  
por Zizinha, meu doce bem;  
inda não vi, nem viu ninguém  
mulher assim, mulher tão bela!  
Seus olhos têm da noite a cor,  
mas brilham como o sol sereno...  
Para conter tamanho amor,  
Cuido que meu peito é pequeno!  
Ah! meu pai, meu bom papai,  
os meus embustes perdoai!

### II

Os meus suspiros são tamanhos  
quando me ponho a imaginar,  
que pra com ela me casar  
é só mandar correr os banhos!  
Eu de ventura hei de morrer  
no dia em que sair da igreja  
levando assim...  
(*Menção de dar o braço*)  
Minha mulher,  
rubra, da cor de uma cereja!  
Ah! meu pai, meu bom papai,  
os meus embustes perdoai!

## CENA X

*Machadinho, Augusto, Silva, Luís, Fonseca, Sara, Chiquinha, estudantes, criados e cocotes.*

MACHADINHO

Esplêndido passeio!

SARA

*Magnifique... Uf! mais il fait chaud!*

AUGUSTO

A mesa está posta.

SILVA

Tenho uma fome!

MACHADINHO

Esperemos pelo senhor Arruda. Ah! ele aí vem...

### CENA XI

*Os mesmos e Arruda.*

ARRUDA (*entrando*)

Senhoras donas... senhores...

MACHADINHO

Apresento-lhes o nosso anfitrião!

ARRUDA

Não me mude o nome, seu moço. Manuel Arruda, criado de suas senhorias... (*Cumprimentam-no; atrapalham-no*)

TODOS

Senhor Arruda! — Viva! — Folgo de conhecê-lo! — Sou seu criado!  
— etc.

ARRUDA (*satisfeito*)

Obrigado, minha gente.

MACHADINHO (*apresentando-lhes Fonseca e Sara*)

Sua excelência, o senhor Barão do Aterrado e sua excelentíssima senhora Baronesa. (*Grandes medidas de Fonseca e Sara*) O célebre Flowers, de quem já tive a honra de falar-lhes... A senhora Condessa...



CHIQUINHA

Marquesa... Marquesa...

MACHADINHO

Ah! é verdade. Foi promovida esta noite... A senhora Marquesa da Cochinchina.

ARRUDA

Da Cochinchina? Tenho lá na fazenda muito boas *galinha* da sua terra.

MACHADINHO (*apresentando-lhe um estudante baixo*)

*El Señor Dom Ramón Oribe Fuentes Guadaquivir de la Trinidad Consuelo, Ministro de la Patagonia!*

ARRUDA

O nome é mais comprido que o dono; *Vacê memo* tem esse nome todo! Safa! Mas por que é que a gente *tá* assim em pé? Vamos comer... (*Sentam-se todos à mesa*) Eu quero *falá!*

TODOS

Fale! Fale! Pois não!...

ARRUDA (*erguendo-se*) Eu sinto que não posso *dizê* o que tenho pra *dizê* porque as *coisa...* (*Mudando de tom, ao suposto Ministro da Patagônia*) *Vacê memo* tem esse nome tão comprido? Eu não! Eu cá sou o Manuel Arruda só; *cando* eu nasci, era muito pequenino; por isso meu pai não quis me *dá* nome comprido.

TODOS

Ah! Ah! Ah! — Volte ao assunto! — Entre na matéria! — Não admito!

ARRUDA

Isto foi para me *sarvá*, porque eu tinha me *atrapaiado* todo. (*Outro tom*) Minha gente... (*A Machadinho*) Ah! é verdade: O Júlio Verne veio?...

MACHADINHO

Ainda não reparei! Está por aí o Júlio Verne? Oh! Júlio Verne!  
(*Gargalhadas*) Qual! Não veio! Aquilo é um malandro! (*Dizendo isto tem deitado ópio no vinho de Arruda*)

ARRUDA

Lulu, *expilica* essas coisa a esta gente.

LUÍS

Minhas senhoras e meus senhores, papai...

MACHADINHO

Não! Falo eu!

ARRUDA

*Vacê tá* fechando a boca do rapaz!

SARA

*Ah! qu'il fait chaud!*

ARRUDA

Fechou, sim senhora, e o Lulu não pôde *falá*. (*À parte*) É bem boa...

MACHADINHO

O senhor Arruda, o Luís e eu agradecemos o terdes honrado...

ARRUDA

Ter desonrado! A quem?

(*Risadas*)

MACHADINHO

...o terdes honrado este banquete com as vossas presenças.

ARRUDA

É tal e *quá!* Muito bem!

MACHADINHO

Na hora em que a pátria vai ser nobilitada pelo arrojado cometimento de um de seus filhos, vós, que não vos alistastes nas fileiras dos incrédulos, vinde dar palmas ao talento. Eu brindo, em nome do senhor Arruda, o ilustrado auditório!

TODOS

Hip! Hip! Hurra!...

SARA

*Ah! qu'il fait chaud!*

ARRUDA

Sinto-me um pouco pesado...

MACHADINHO

Oh! mas é verdade!... Está um calor insuportável! Estou alagado!

AUGUSTO

Uf! Quem pode comer assim?...

MACHADINHO

Interrompamos o banquete; talvez refresque o tempo.

*(Levantam-se todos da mesa e descem à cena. Arruda levanta-se com custo; está a cambaleiar de sono)*

CORO

Fiquemos em colete,  
e, co calor que está,  
deixemos o banquete!  
Logo reviverá!

*(Durante o coro, todos, menos Arruda, tiram os casacos)*

MACHADINHO *(recebendo de um criado um maço de ventarolas fechadas)*

Atenção.

CORO

Atenção!

MACHADINHO (*distribuindo as ventarolas pelos personagens*)

Amigos meus, o calor presentindo...

ARRUDA

Estou quase caindo...

MACHADINHO

...trouxe estas ventarolas.

Mágicas são

toquem nas molas

que nos cabos estão;

*incontinenti* abrir-se-ão!

(*Todas as ventarolas, que são comicamente exageradas, abrem-se como por encanto*)

ALGUNS

Oh! meu Deus! que calor!

Que horror!

Que tempo abrasador!

LUÍS (*à parte*)

Coitado de papai...

ARRUDA

Meus senhores, estou cai não cai!

SARA

*Ah! qu'il fait chaud!*

ALGUNS

Tudo alagado está!

Eu alagado estou!

ARRUDA

Mas esta não é má!

Não há que vê: *tou* pronto!

Não bebi quase nada e já me sinto tonto!

CORO

Que grande calor!

Que forno, senhor!

MACHADINHO

*Fa caldo!*

Ai, que calor

abrasador!

Escaldo!

Isto é, talvez,

noventa e Três!

CORO

*Fa caldo!*

Ai, que calor

abrasador!

Escaldo!

Isto é, talvez,

noventa e Três!

MACHADINHO

É pra dar cavaco!

Pois da festa no melhor

o calor, que é velhaco,

nos vence pelo suor!

Mas mal o tempo mude,

vamos pra mesa outra vez!

Olá! Deus nos ajude!

Caramba! é noventa e Três!

Oh! que calor abrasador!

CORO

Uf! Uf!

*Fa caldo!*

Ai, que calor  
abrasador!

Escaldo!

Isto é, talvez,  
noventa e Três!

ARRUDA

Com sono

pra cá não vim;

já dono

não sou de mim!

MACHADINHO

Graças às ventarolas,  
com alguma viração...

Este calor é um bolas!

Oh! que maldita estação!

Nem mesmo alguns sorvetes  
se encontram no *restaurant*.

Calor, tu nos derretes,  
se duras até amanhã!

Oh! que calor  
abrasador!

CORO

Uf! Uf!

*Fa caldo!*

Ai, que calor  
abrasador!

Escaldo!

Isto é, talvez,  
noventa e Três!

ARRUDA

Tragam-me já uma cadeira!  
De sono *tou* mesmo a *caí*!

*(Trazem-lhe uma cadeira, na qual ele cai sentado)*

CORO  
De sono está mesmo a cair!

ARRUDA  
Que vinho mau! Que brincadeira!  
Quero *dormi*! Quero *dormi*!

CORO  
Pode dormir! Pode dormir!

*(Arruda adormece)*  
Uf! Uf!  
*Fa caldo!*  
Ai, que calor  
abrasador!  
Escaldo!  
Isto é, talvez,  
noventa e Três!

### ATO III

*O teatro representa a sala da sociedade carnavalesca "Netos da Lua", no domingo gordo. Móvelia suntuosa, piano, lustre, jarras, flores, bandeiras, etc. Três janelas de sacada ao fundo, deitando para a Rua do Visconde do Rio Branco. Na primeira porta da esquerda, um escudo azul e branco, tendo no centro, em diagonal as iniciais N. L., e encimado por duas carrancas enlaçadas com um pano verde.*

### CENA I

*Augusto, Silva, Doutor Cábula, Fonseca, Sara, Chiquinha e máscaras, depois Machadinho e Luís.*

(Ao levantar o pano, todos os que se acham em cena dançam freneticamente uma valsa, acompanhada pela orquestra. Ardem fogos-de-bengala nas sacadas. O Doutor Cábula é o único que não se acha fantasiado e mascarado)

TODOS (depois da valsa, extenuados e tirando as máscaras)  
Vivam os Netos da Lua! Vivam! Vivam!

DOUTOR CÁBULA (subindo a uma cadeira)  
Meus filhos e filhas! (Bate palma) Atenção! (Faz-se silêncio) Nas lutas, nas terapêuticas polares e essenciais dos sentimentos aquosos, nas nevroses contemplativas das explosões hodiernas, retumbam os desmoronados cimentos das convulsões que produzem os infinitos cataclismas sociais. *Et ego vacueretes mea tibi ajaceo.* Santo Agostinho, capítulo terceiro, título quarto, artigo nono. (À parte) Que chorrilho! (Alto) Nas ideias principais à absorção conscienciosa dos raios solares, cifram-se os tríduos confidenciais dos conciliábulos meditabundos dos desenvolvimentos gerais, das magnitudes do nosso partido. — Não! não há partidos! a banca é lisa!

TODOS  
Entre na questão!

DOUTOR CÁBULA  
Moderai os ânimos esquentados, meus filhos: *ira perturbere regulamentum mente in aquare vobis.* Santo Inácio de Loiola, capítulo sétimo, parágrafo décimo do Regulamento dos Bondes da Vila Isabel!

TODOS  
Muito bem! Ah! Ah! Ah!

DOUTOR CÁBULA (sempre com extrema volubilidade)  
A decrepitude senil de meu crânio vetusto resolve a algidez dos rijos materiais à contradição palpável dos princípios imutáveis e perenes da indústria manufatureira dos abacaxis.



TODOS

Ah! Ah! Ah! Bravo!

DOUTOR CÁBULA

Ride, ride... *risum est appetitum carnivoros comedere.* (Isto é meu) A aurora dos tempos sublimes dos areópagos indefiníveis...

AUGUSTO

Não sejas amolador, ó Cábula! Sai daí. (*Dá um pontapé na cadeira e o Doutor Cábula cai no chão*)

DOUTOR CÁBULA (*erguendo-se*)

Que cábula!

SILVA (*saindo de uma das sacadas, onde tem estado desde que terminou a valsa*) Aí vem o Machadinho: conheci-o pelo andar.

TODOS

O Machadinho! — Ainda bem! — Já tardava! — etc.

CORO

Oh! que prazer!

Ele aí vem!

Nós vamos rir,

pois jeito tem

pra divertir!

vamos todos sem demora

o amigo receber

agora.

AUGUSTO

Que novidade nos trará?

DOUTOR CÁBULA

Aposto que rir nos fará!

AUGUSTO

Temos panos para mangas.

DOUTOR CÁBULA

Frاندulagens, bruzundangas.

CORO

Eis que ele aí vem,

Luís também!

*(Entram Machadinho e Luís fantasiados também)*

### RONDÓ E CORO

MACHADINHO

Meus folgazões,

meus foliões,

finalmente aqui nos tem!

Vamos ver

hoje quem

tem garrafas pra vender!

Ouvi, meus amigos,

da festa os artigos:

Primo: quem deixar

de rir e folgar

levará sopapos;

em papos, em papos

de aranha andarás;

suspenso será!

Secundo: é vedado

brincar mascarado;

intrusos então

se introduzirão.

Tércio: mui respeito

se deve ao sujeito

velhote que está

dormindo acolá.

Quem estes artigos

infringir! castigos  
severo terá;  
punido será.  
É bom haver ordem,  
pois qualquer desordem  
não pode abonar  
quem a praticar.  
Meus folgazões,  
meus foliões,  
finalmente aqui nos tem!  
Vamos ver  
hoje quem  
tem garrafas pra vender!

CORO

Os folgazões,  
os foliões,  
finalmente aqui os tem!  
Vamos ver  
hoje quem  
tem garrafas pra vender!

MACHADINHO

Toca para a sala de jantar. Está posta a ceia. Aviem-se que preciso de vocês.

TODOS

Viva o Machadinho!

DOUTOR CÁBULA (*ao Machadinho*)

Eu te abençoo do fundo do meu estômago.

*(Saem todos menos Machadinho e Luís. Música na orquestra durante a saída)*

## CENA II

*Machadinho e Luís.*

MACHADINHO (*a Luís, que entrou no gabinete da direita e saiu logo*)  
O velho?

LUÍS  
Ainda dorme. Está ali.

MACHADINHO  
No Necrotério, sei.

LUÍS  
Necrotério?

MACHADINHO  
Necrotério aqui é o lugar em que se cozem as monas.

LUÍS  
Mas papai não é precisamente uma mona!

MACHADINHO  
Ninguém disse tal.

LUÍS  
Coitadinho de papai.

MACHADINHO (*arremedando-o*)  
Coitado de papai! (*Naturalmente*) Então, rapaz? Queres chorar?

LUÍS  
Não, mas quando me lembro que o metemos nestes assados sem consciência sua...

MACHADINHO

Ora, ora, que novidade! Se ele soubesse de tudo cá não vinha. Bem sabes que era preciso fazer o que se fez. O velho acorda aqui, em pleno baile carnavalesco. O carnaval é coisa nova para ele. Supõe-se, fazemo-lhe supor-se, na Lua. Nada receies: eu me encarrego de desculpar-te.

LUÍS

Perdoará ele o havermo-lo enganado? abusado de sua boa fé?

MACHADINHO

Deixa-te de asneiras! Olha que és um maricas! Como diabo, a não ser assim, havíamos nós de carregar com teu pai para a corte e colocá-lo em frente do velho Santos, seu futuro sogro? Ah! escreveste-lhe?

LUÍS

Escrevi. Pedi-lhe que se achasse à meia noite aqui, e fantasiado.  
(*Entra o Doutor Cábula*)

MACHADINHO

Quem levou essa carta?

LUÍS

O Cábula.

### CENA III

*Machadinho, Luís e Doutor Cábula.*

DOUTOR CÁBULA

Falavam de mim?

MACHADINHO

Entregaste a carta do Luís?

DOUTOR CÁBULA

Em mão própria. O tal teu futuro sogro é um velho bem cabuloso. Enquanto lia a carta, deu-me uma dúzia de palmadinhas na barriga. Mas dei-lhe os contras.

LUÍS

Obrigado, meu bom amigo, ser-te-ei eternamente grato.

MACHADINHO (*à parte*)

Temos facada com certeza.

DOUTOR CÁBULA (*à parte*)

Vou dar-lhe o plano. (*Alto*) Ó Luís, és homem para trinta mil-réis? Quero fazer uma vaca de sessenta...

MACHADINHO (*à parte*)

O que dizia eu?

LUÍS (*dando dinheiro ao Doutor Cábula*)

Aqui tens.

DOUTOR CÁBULA

Obrigado. Em quanto estamos?

LUÍS

Nós temos contas.

DOUTOR CÁBULA

Então dá cá mais vinte, para fazer cinquenta...

LUÍS

Pois não. (*Dá-lhe mais dinheiro*)

DOUTOR CÁBULA (*à parte*)

Estou arrependido de haver pedido tão pouco. (*Alto*) Toma nota! Cinquenta mil réis! Depois não quero dúvidas no pagamento... Vou levar a banca à glória em Três relances e meio. (*Vai saindo*) Olha,

depois não andes a te esconder de mim, para evitar o pagamento, hein? (*Sai. Durante a cena que se segue, ouvem-se vozerias, brindes, etc.*)

#### CENA IV

*Machadinho e Luís.*

MACHADINHO

Eu sabia que aquilo era tiro pronto.

LUÍS

Não importa; é um aliado poderoso que compramos por bem pouco.

MACHADINHO (*consultando o relógio*)

Faltam apenas dez minutos para a meia-noite. Sangue frio, meu amigo. Mune-te de bastante sangue frio, embora o tenhas de ir buscar a algum açougue.

LUÍS

Bem; eu vou...

MACHADINHO (*marchando vivamente*)

Ao açougue?

LUÍS

Não...

MACHADINHO (*à parte*)

Capaz era ele disso!

LUÍS

Vou esperar o Santos à porta da rua. Toma sentido que os rapazes não façam alguma com o papai.

MACHADINHO

Vá descansado.

## CENA V

*Machadinho e Doutor Cábula.*

MACHADINHO

É muito tolo, coitado, mas afinal de contas é uma pérola! Que culpa tem ele que nascesse Arruda? Outro qualquer não consentiria que a seu pai fizessem tanto, mas julga naturalíssimo estar tudo por amor da sua Zizinha. Mas eu, que não sou da família, não tenho escrúpulos: trato de divertir-me o mais que posso e, ao mesmo tempo, auxiliar a realização dos sonhos dourados de um amigo. (*Dá meia-noite*) São horas. (*Chamando*) Ó Cábula! Cábula! Augusto! Silva!

DOUTOR CÁBULA (*dentro*)

Não me encabules!

MACHADINHO

Venham cá.

(*Entram Augusto, Silva e o Doutor Cábula*)

## CENA VI

*Machadinho, Augusto, Silva e Doutor Cábula.*

DOUTOR CÁBULA (*entrando por último*)

Ora sebo! Lá se foram a vaca, os bezerros e tudo quanto Marta fiou. Estou reduzido a uma fichinha de duzentos e cinquenta réis. Um maço de cigarros. Nunca chamem por mim quando eu estiver acompanhando alguma costela, porque é tiro e queda! Ela quebra logo.

## COPLAS

I

Voto de não jogar já fiz;  
mas, ó razão, de mim te apartas!



Convicto estou: não sou feliz...  
Vício fatal! Malditas cartas  
Fico maluco por um triz,  
se alguma coisa apanho;  
perco outra vez; peço ao Luís...  
Perco o que ganho e o que não ganho!  
Mas, agora? Nunca mais!  
Desta vez prometo:  
noutra não me meto!  
Nunca mais!  
Sim! Dito está! Não jogarei jamais!

## II

Quando o parceiro as cartas deu,  
na mesa estava uma remissa;  
joguei... e o meu dinheiro, ó Céu!  
foi — fogo viste linguíça! —  
Mas um consolo tenho eu  
(Pobre de mim sem tal consolo!):  
Não jogo nunca o que é meu,  
mas do Luís, qu'inda é mais tolo...  
Mas, agora? Nunca mais!  
Desta vez prometo:  
noutra não me meto!  
Nunca mais!  
Sim! Dito está! Não jogarei jamais!

(*Consigo*) Mas se eu tentasse a desforra? (*A Machadinho, Augusto e Silva, que conversam entre si*) Qual de vocês aí é homem para cinco bodes?

MACHADINHO  
Nenhum.

AUGUSTO  
Ora vai-te catar!

DOUTOR CÁBULA (*a Silva*)

Não tens aí dois pelintras disponíveis.

*(Silva vai para dar-lhe dinheiro; Machadinho pega-lhe no braço)*

MACHADINHO

Não estejas a alimentar vícios!

DOUTOR CÁBULA

Não impeças uma boa ação, menino!

MACHADINHO

Venham daí. Ajudem-me a conduzir para aqui o pai do Luís. (*Entra no quarto da direita, acompanhado por Augusto e Silva*)

DOUTOR CÁBULA (*refletindo*)

Decididamente não jogo mais! Mas... mas deixem lá que uma desforra tem seu sabor! Onde o diabo hei de arranjar dez tostões?

*(Os rapazes voltam, trazendo Arruda a dormir sentado em uma poltrona e vestido de bombeiro de Nanterre)*

MACHADINHO

Bem. Agora Silva, tu coloca-se àquela porta e, tu, Augusto, àquela outra. Não deixem entrar ninguém, sem que lhes dê sinal, e sobretudo não apareçam. O velho pode conhecê-los. O sinal é um assobio.

AUGUSTO e SILVA

Entendido.

*(Vão colocar-se, um à direita, outro à esquerda e desaparecem no correr da cena. Machadinho tira do bolso um cortiça queimada, vermelhão, etc. e pinta o rosto de Arruda, ajudado pelo Doutor Cábulas)*

DOUTOR CÁBULA

Que cara cabulosa!

MACHADINHO

Estes bigodes e estas sobrancelhas dão-lhes uma graça!

DOUTOR CÁBULA

Isto é uma cara de azar.

MACHADINHO

Pronto! (*O Doutor Cábula com um pedacinho de papel enrolado faz cócegas no nariz de Arruda*) Mais respeito! É o pai de um amigo!

DOUTOR CÁBULA (*com solenidade cômica*)

Respeitemos o nariz da cara do pai de um amigo!

MACHADINHO

Agora, atenção! Vou despertá-lo...

DOUTOR CÁBULA

Cuidado...

MACHADINHO

Não vás dizer alguma tolice. Estás a par da situação. Tento na boca! (*Tira um vidrinho da algibeira e faz com que Arruda lhe aspire o conteúdo*)

ARRUDA (*desperta, esfrega os olhos, espantado em redor de si*)

*A mode que senti uma infulenização no sangue! Onde estou?*

MACHADINHO

Estamos na Lua!

ARRUDA (*dando um pulo*)

Hein? *Entonces* sempre é verdade? (*Encaminhando-se para uma das janelas*) Que rua é esta?

DOUTOR CÁBULA

É a Rua do Visconde do Rio Branco.

MACHADINHO (*baixo ao Doutor Cábula*)

Então, foi abrires a boca e dizeres asneira!

DOUTOR CÁBULA

Não... é... é...

ARRUDA

*Entonces!* O Paranho já é conhecido na Lua!

MACHADINHO (*tomando o braço de Arruda*)

Não chegue à janela, senhor Arruda!

ARRUDA (*reconhecendo-o*)

Ah! é *vacê*, *seu doutô*? Mas não chegue à *jinela* por quê?

MACHADINHO (*mostrando-lhe o traje, misteriosamente*)

Pois não vê?

ARRUDA (*extremamente surpreso por se ver vestido de bombeiro*)

Que vestimenta é esta? Eu não sou *sordado*! Quem me vestiu assim?

*Mangarum* comigo!

MACHADINHO

Eu lhe explico. Não mangaram tal. O nosso foguete caiu num quartel de bombeiros da Lua, e os trajes que trazíamos foram todos confiscados para os museus da pálida Diva.

ARRUDA

Entendo... entendo... e me *botarum* esta vestimenta pra *sarvá* as conveniência *sociá*... Ah! Ah! Ah! Quê dê Lulu?

MACHADINHO (*com mistério*)

Chut!

DOUTOR CÁBULA (*que tem acompanhado todos os movimentos de Machadinho no mesmo*)

Chut!

ARRUDA (*mistificado*)

Que diabo de especulação é esta?

MACHADINHO

O Lulu agora é o rei da Lua e eu sou o seu primeiro ministro. O senhor é o pai de Dom Luís I.

(*Doutor Cábula faz grandes cortesias a Arruda*)

ARRUDA (*passado o grande pasmo que lhe causaram as palavras de Machadinho e as cortesias do Doutor Cábula*)

Quê dê Lulu?

MACHADINHO

Sua Majestade está no Observatório conversando com as estrelas; não pode receber nem mesmo seu próprio pai.

ARRUDA

*Iremo logo mais. (Coordenando as ideias) Mas... que diabo! parece que vim dromindo! Não vi memo a viaje.*

MACHADINHO

O senhor Arruda tem uma natureza fraquíssima. Quando embarcou, parece que algumas gotas de vinho que bebeu no *Restaurant* do Jardim Botânico lhe havia subido à cabeça, e depois a rarefação do ar nas camadas interplanetárias causou-lhe uma síncope, cujo fenômeno as ciências naturais explicam muito facilmente. Chegamos há Três horas, depois de dois dias de viagem, e só agora eu e este senhor, nosso companheiro de viagem, conseguimos despertá-lo!

ARRUDA (*ao Doutor Cábula*)

Ah! *vacê* veio com nós?

DOUTOR CÁBULA

Acidentalmente.

MACHADINHO

Este é o célebre professor aeronauta elétrico...

*(Cortesias do Doutor Cábula)*

ARRUDA

Ahn... Conheço muito! A roupa dele não foi pro museu.

MACHADINHO

...o muito sábio Doutor Humboldt Agassis Levington Lesseps X.P.T.O. London...

ARRUDA

*Vacê só me apresenta gente cum nome de légua e meia!*

MACHADINHO *(continuando a apresentação, enquanto o Doutor Cábula desfaz-se em exageradas medidas)*

...Ilustre americano muito conhecido em todo o Universo por seus inúmeros e importantes descobrimentos!

ARRUDA

Pois seu Assis... Assis foi único nome que entendi...

DOUTOR CÁBULA *(com exagerada amabilidade)*

Agassis... Agassis...

ARRUDA

*Aguassis... Estimo conhecê-lo... Lá estamo às orde... (Não sabendo para que lado apontar, para iniciar a situação da sua fazenda)... lá... Espere! Para onde fica a fazenda? Pra que lado fica Ubá?... Ah! Deve ser pra baixo! (Apontando para o chão) Lá estamo às orde de sua senhoria... lá em baixo, em Ubá!*

DOUTOR CÁBULA

Muito obrigado. *(Com volubilidade)* Andava eu no meu balão, fazendo uma viagem de recreio à roda desse pequeno planeta que se chama Terra, quando senti que o aparelho era atravessado por

um foguete descomunal, que à primeira vista tomei por um bólido. O tafetá do bojo solidificado pela guta-percha resistiu: ficou o balão pendurado no seu foguete que não diminuiu de velocidade, e, assim, tranquilamente, deitado no funda da minha barquinha feiticeira, vim para, com vossas senhorias, a Lua. É um episódio interessantíssimo, que há de fazer furor no Instituto Histórico e Geográfico de Nova Iorque, se eu tiver a felicidade de voltar à Terra.

ARRUDA

*Voltaremos* noutra foguete. Fique descansado, Seu *Eguassis*. Se isto não me *agradá*, cá não fico. (*Ouvem-se brindes, etc.*) O que é isto?

MACHADINHO

Isto é um baile que dá a estrela Vênus por ver um regente no trono, que estava acéfalo desde que lhe morreu o pai. O baile é oferecido ao Rei Luís, seu filho, para festejar as suas ascensões: à Lua e ao trono. (*Assobia*)

DOUTOR CÁBULA (*à parte*)

É de muita força este menino!

ARRUDA

Mas o que me admira é eles *falá* a língua que nós *falamo*.

DOUTOR CÁBULA (*à parte*)

Mas o velho é de mais força!

MACHADINHO

Isso é gente de uma memória e habilidade espantosas. Demais, moram no Céu: não admira que saibam tudo. (*Rumores fora*) Atenção, senhor Arruda! Aí vem Vênus e seu rancho.

## CENA VII

*Machadinho, Doutor Cábula, Arruda, Augusto, Silva, Fonseca, Sara, Chiquinha e máscaras.*

CORO GERAL

Viva o carnaval!

Viva o bacanal!

Viva o saturnal!

Nesta noite festival,

tudo é feliz, jovial!

Contentes vamos dançar,

brincar, saltar e folgar!

ARRUDA

Que gente é esta?

Na Lua, vejo, há grande festa!

MACHADINHO

Pois não disse-lhe já, senhor Arruda  
que o seu Lulu no trono se grudou?

Pois Vênus, que é quem gruda,  
esta festa ordenou.

CORO

Pois Vênus, que é quem gruda,

esta festa ordenou. (*Dança geral e desordenada*) Viva o Carnaval!

DOUTOR CÁBULA (*a Machadinho*)

Vou ter com o Luís.

MACHADINHO

Vá, diga-lhe que já é tempo. Não lhe peça dinheiro emprestado.

DOUTOR CÁBULA

És um monstro. (*Sai*)

## CENA VIII

*Machadinho, Arruda, Augusto, Silva, Fonseca, Sara, Chiquinha e máscaras.*



*(Sara tem se apegado a Arruda, que parece impressionado. Ciúmes de Fonseca)*

MACHADINHO *(a Sara)*

Não o deixes; olha que isto é mina de carço.

SARA *(a Machadinho)*

*On fera ce qu'on pourra.*

ARRUDA *(entusiasmado)*

Não saio mais da Lua. Mando *vendê* fazenda, negro, tudo o que tenho lá em baixo. *(Aponta para o chão)*, e venho de vez pr'aqui. *(A Sara)* Sua senhoria se parece muito cuma madama qu'eu vi no Jardim Botânico no dia em que vim cá pr'arriba. Cara duma, focinho doutra.

SARA *(baixinho. Grupos diversos)*

*C'était moi... mon bibi... c'etit moi même...*

ARRUDA

Não fale língua da Lua, dona madama, sua senhoria fale língua brasileira, que é a que me ensinaram...

SARA

Esta mulher que vias na Terra... era eu...

ARRUDA

A Baronesa?

SARA

Era eu. Amo-te... Tenho-te seguido por toda a parte!

FONSECA *(inflamado)*

*Madame Sara, vous êtes une cynique... notre relations sont brisées par toujours... vous voulez me place à perdre...*

SARA *(repreensiva)*

Meu bem...

FONSECA (*dando-lhe um dedo*)  
*Mordez ici (Sara morde-lhe o dedo) Ai!*

ARRUDA  
*Seu Barão, descurpe a muié... ela não tem curpa de me tê amizade...*

FONSECA  
*Deixe-me senhor! Ne compt pas avex moi, perfide! Adieu pour jamais!*

TODOS (*que tem presenciado a rir-se, rompem numa gargalhada*)  
*Ah! Ah! Ah!*

*(Fonseca sai)*

MACHADINHO  
*Deixem esse idiota! Que vá falar francês na casa do avô torto.*

*(Música na orquestra. Queimam-se fogos-de-bengala nas sacadas. Dentre as mulheres sai uma andaluza, de meia máscara de seda e executa um bailado. Findo o bailado, Machadinho apresenta Arruda à sociedade)*

## CENA IX

*Machadinho, Arruda, Augusto, Silva, Sara, Chiquinha e máscaras, no fim da cena Fonseca.*

MACHADINHO  
*Meus amigos e amigas, apresento-lhes o pai de Sua Majestade.*

TODOS  
*Viva o pai de Sua Majestade!*

*(Forma-se de repente um cortejo, que desfila pela frente de Arruda, que está cheio de si, e visivelmente embeijado por Sara)*

MARCHA e CORO

Salve o progenitor  
do nosso rei recente  
Por nós serás, senhor,  
amado eternamente!

MACHADINHO (*apresentando diversos indivíduos a Arruda*)  
A Estrela d'Alva! — Vésper! — Saturno! — Mercúrio!

ARRUDA

Conheço uma pomada de sua invenção.

MACHADINHO

Tem muitas outras invenções: o bacará, o trinta e um... o marimbo...

ARRUDA

Isso é jogo...

MACHADINHO

Parece.

ARRUDA

Ah! aqui na Lua também há disso? (*De repente, a Sara, que o encara meigamente*) Ó ladrãozinho, tu me mata!

FONSECA (*reaparecendo*)

Quem vem ao chocolate?

TODOS

Vamos! Vamos! Ao chocolate!

(*Saem todos em confusão. Arruda é arrastado por Sara no meio do tumulto geral*)

CENA X

*Doutor Cábula, Luís e Santos.*

SANTOS (*metido num dominó*)

Ora, senhores, eu! um homem sério! um pai de família! um funcionário público! metido num dominó, e obrigado a embarafustar por uma casa destas! — Mas não importa! trata-se de quebrar a castanha na boca de seu pai! Faço ideia da cara com que ele vai ficar.

LUÍS

Agradeço-lhe a oportunidade!

SANTOS

E há de quê... e há de quê! Ora, meu Deus! um homem com vinte e Três anos e quatro meses de bons serviços ao Estado!

DOUTOR CÁBULA (*à parte*)

Já voaram cinco bancas, e eu sem armação! Se este Santos espirasse...

LUÍS

Vem gente. É ele. Venha para cá.

*(Vão todos os Três para uma das sacadas do fundo, cujas cortinas Luís faz descer)*

## CENA XI

*Doutor Cábula, Luís, Santos escondidos e Arruda que entra de braços dados com Sara.*

SANTOS (*à parte, deitando a cabeça fora da cortina*)

É ele! Reconheço-o como se não o visse há quinze dias, e, no entanto, já lá vão trinta anos. (*Dando com Sara*) Ela! Olé! Foi bom eu vir aqui. Deixa estar, que não me apanhas mais vintém!

ARRUDA (*rendido, a Sara*)

Tu é muito bonitinha, ladrãozinho. Quando eu te vi, seu bem, meu coração *pegô a batê* zuque, zuque, zuque; com uma força *iguá* à da engenhoca d'água da comadre *Inclementina*. (*Senta-se*) Tu não *conhece a Inclementina?* Aquela do Juiz de Fora!... *Home* é tão conhecida! *Vacês* aqui na Lua *diz que sabe* de tudo! — Ah! seu ladrão! Eu posso *fazê* a tua felicidade. Sou podre de rico!

SARA

Sei que é muito rico: tens fazenda em Ubá, em Maçambará...

ARRUDA

É... é... Como ela sabe de tudo *home!*

SARA

Bebê, fica... fica aqui comigo...

ARRUDA

Ela não saberá que eu sou casado?

SARA

Sei que és casado, mas...

ARRUDA (*à parte*)

Ai, ai...

SARA

Mas se quisesses?

ARRUDA

Casar outra vez?

#### DUETO

DOUTOR CÁBULA (*saindo da sacada e aproximando-se*)

Então, meu caro senhor Arruda, está melhor aqui do que na Terra, hein?

ARRUDA

Ah! *vacê tava aí? Me farte a luz na hora da morte se eu lhe vi... Home, vacê qué que eu fale?*

DOUTOR CÁBULA

Com franqueza.

ARRUDA

Pois *home*; Seu Assis, diabos a Terra! Aqui os *are são mió*. (*Santos sai também da sacada e se aproxima*) Quem é este frade? Na Lua também há disto?

SANTOS

Ora, senhores! Um homem sério!... Um funcionário quase aposentado e pai de cinco filhos!...

ARRUDA

Pra que é essa coisa que *vacê* traz na cara?

DOUTOR CÁBULA

É da Ordem... é da Ordem...

SARA (*à parte*)

Eu conheço aqueles olhos... Mas, qual! é impossível! Ele não frequenta sociedades carnavalescas...

SANTOS (*à parte*)

É ela mesma. Não me apanha mais vintém.

LUÍS (*saindo por sua vez da sacada e descendo a cena*)

Não prolonguemos por mais tempo esta cena. É demais! Vamos, Senhor Santos...

ARRUDA

*Senhô Santos!* Meu filho, Vossa Majestade disse — *Senhô Santos?*

LUÍS

Tire a máscara.

SANTOS (*tirando a máscara e avançando para Arruda*)  
Então, você não disse que não vinha mais à corte?

ARRUDA (*assombrado*)  
O Santos!...

SANTOS  
Veio ou não veio à corte?

ARRUDA  
Que corte, *home!* Lua não é corte!

SANTOS  
O que diz ele?

(*Aparece Machadinho*)

DOUTOR CÁBULA  
Que cábula!

SARA (*embaraçada desde que Santos tirou a máscara, à parte*)  
*Me voila pincée.*

## CENA XII

*Doutor Cábula, Luís, Santos, Arruda, Sara e Machadinho.*

MACHADINHO (*aproximando-se*)  
Senhor Santos, senhor Arruda, eu explico o caso... o senhor Arruda supõe que fez uma viagem à Lua, ao passo que a viagem que fez foi apenas de sua fazenda à corte, onde está.

ARRUDA

Na corte! Eu *tou* na corte! Ué! Eu não esperava isso de sua senhoria, seu *doutô* (*Puxando as orelhas de Luís*) Venha cá, seu rei da Lua, então *vacê* mangou de seu pai...

LUÍS  
Papai...

MACHADINHO  
Perdão, o autor do quiproquó foi este seu criado. Eu sabia da divergência que há entre o senhor e o senhor Santos, e da promessa que o senhor havia feito de não por os pés na corte. O senhor Santos só consentia no casamento de Luís com Dona Zizinha com a condição que o senhor viesse ao Rio de Janeiro. Por amizade a seu filho e aproveitando o desejo que o senhor tinha de ir à Lua...

ARRUDA  
Que bonita figura fiz eu, sim *senhô*, não tem que *vê*!

SANTOS  
Já que está, consinta no casamento daqueles dois pombinhos...

ARRUDA (*de mau humor*)  
Já consenti!

LUÍS  
Obrigado, papai. (*Beija as mãos do pai*)

ARRUDA  
Saía daqui, filho de um burro!

MACHADINHO  
Agora, um favor, senhor Arruda, estenda a mão ao seu ex-condiscípulo, e o passado, passado.

SANTOS e ARRUDA  
Ele que estenda *premero*.



DOUTOR CÁBULA

Eu concilio tudo, apesar de não ser da família. (*Toma as mãos de ambos e une-as*) *Ego conjugo vobis.*

SARA

*Tableau!*

SANTOS e ARRUDA

Eu sempre gostei dele, mas é muito teimoso.

ARRUDA

Mas, enfim, onde *estamo* nós?

MACHADINHO

Deixe para mais tarde as minudências... logo saberá de tudo... (*A Luís*) Hás de ser o único de ir à lua... à lua de mel! (*A Arruda*) O saque está em mão do Luís; não tocamos em um real.

ARRUDA

Pois guarda ele, Lulu: é teu dote.

SANTOS (*dirigindo-se a Sara*)

Contigo é que não faço as pazes... Não me apanhas nem mais um vintém.

SARA

Mas...

SANTOS

Psiu... (*Consigo*)

Um funcionário público, meu Deus!

ARRUDA

Não leio mais novelas do tal Seu Júlio Verne.

MACHADINHO

Hei de oferecer-lhe um livro de Vítor Hugo: *A arte de ser avô.*

SARA (*a Santos*)

*Est-ce que tu va rester fâché comm'ça?*

SANTOS

Veremos... Um pai de família... com cinco filhos e vinte e cinco anos e quatro meses de serviços públicos. (*Deixa-se enlaçar por Sara*)

ARRUDA (*com uns longes de zelos, à parte*)

*As muié são mesmo assim: farsa como elas só.*

(*Entra Fonseca, de braço dado com Chiquinha, acompanhados de todos os personagens*)

### CENA XIII

*Doutor Cábula, Luís, Santos, Arruda, Sara, Machadinho, Fonseca, Chiquinha, Augusto, Silva e máscaras.*

OS RECÉM-CHEGADOS

Ó Machadinho! Vem apreciar os novos amores do Fonseca!

ARRUDA (*admirado e tapando os ouvidos*)

Que matinada!

SANTOS (*sempre abraçado por Sara*)

Um homem sério!

FONSECA (*com Chiquinha pelo braço, a Sara*)

*Tu ne me donnais pas de considération: tu ne faisais cas de moi; je me suis épris de Chiquinhe!*

TODOS

Ah! Ah! Ah!

ARRUDA

Mas ói que a batina do reitô era de cetim!

FINAL

MACHADINHO

Na forma agora de costume  
Vou, por precaução,  
pedir do povo a proteção.

SARA (*ao público*)

Vossa proteção!

MACHADINHO

Oh! não vos farteis de aplaudir,  
sem resmungar, nem redarguir,  
quem voz fez rir  
ou fez dormir!

MACHADINHO e SARA

Quem fez rir ou fez dormir  
aplaudir sem redarguir!

CORO

Sem resmungar, sem redarguir,  
aplaudi quem vos fez rir!

MACHADINHO

Agora, galopemos!  
Saltemos e pulemos!  
Pulemos e saltemos!  
E não há que refletir!

CORO

E não há que refletir!  
(*Galope geral. Quadro animadíssimo*)  
Oh! não vos farteis de aplaudir,  
sem resmungar, sem redarguir,  
quem vos fez rir,

ou fez dormir!



**Iba Mendes Editor Digital**  
**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**